

A FORMAÇÃO ÉTICA E A OPORTUNIDADE DA ABORDAGEM DOS CUIDADOS PALIATIVOS: UMA PROPOSTA DE PAIDEIA NA FORMAÇÃO EM SAÚDE

Márcio Niemeyer-Guimarães, marcioguimaraes@unifeso.edu.br, (coordenador do projeto), Docente, Curso de Medicina, UNIFESO.

João de Castro (colaborador do projeto), Docente, Curso de Medicina, UNIFESO.

Alba Barros Souza Fernandes (colaboradora do projeto), Docente, Curso de Medicina, UNIFESO.

Selma Vaz Vidal (colaboradora do projeto), Docente, Cursos de Enfermagem e Medicina, UNIFESO.

Carina da Silva Ferreira, Discente, Curso de Enfermagem, UNIFESO.

Iris Vaz Vidal, Discente, Curso de Nutrição, UNIFESO.

Isabella Pimentel Pries dos Santos, Discente, Curso de Nutrição, UNIFESO.

João Mario Carneiro, Discente, Curso de Fisioterapia, UNIFESO.

Marianna Alves Molina, Discente, Curso de Medicina, UNIFESO.

Matheus Gaspar da Silva Affonso Pereira, Discente, Curso de Medicina, UNIFESO.

Rafael Fernandes Casanova, Discente, Curso de Fisioterapia, UNIFESO.

Ralph de Almeida Monteiro, Discente, Curso de Enfermagem, UNIFESO.

PICPq 2020-2021- UNIFESO

Breno Silveira Leal, Programa Jovens Talentos para a Ciência FAPERJ – UNIFESO

Victor Hugo Salustiano da Conceição, Programa Jovens Talentos para a Ciência FAPERJ – UNIFESO

RESUMO

Este trabalho identificou as lacunas conceituais de estudantes dos cursos de Medicina, Nutrição, Enfermagem e Fisioterapia acerca de conceitos como finitude, ética, bioética, cuidados paliativos, entre outros e, a partir destes achados, discutiu os rudimentos de uma proposta de educação ética tendo como referência a *paideia* grega. Foram realizadas entrevistas com estudantes dos últimos períodos desses cursos. As respostas foram transcritas, tabeladas e, posteriormente, analisadas. A interpretação dos dados ratificou o pressuposto desta pesquisa, isto é, a constatação de que existe uma formação iminentemente técnica do profissional de saúde e, por conseguinte, uma enorme carência no que diz respeito à reflexão sobre temas que, em nosso entendimento, são fundamentais para a sua atuação profissional. Face à dificuldade de interlocução entre as ciências da saúde e as humanidades, é preciso desenvolver um discurso sobre a ética verdadeiramente capaz de sensibilizar e convocar o pensamento e acreditamos que a *paideia* grega possa ser uma referência para qualquer proposta de reformulação do currículo desses estudantes.

Palavras-chave: ética; bioética; saúde; paideia; cuidados paliativos.

INTRODUÇÃO

Desnaturada de seu sentido mais profundo, a reflexão moral nos grandes campos das ciências da saúde se ocupa em nos confortar com respostas objetivas aos problemas da vida prática. Neste sentido, abordam nossa vida concreta, insistindo no paradigma de uma moral assentada sob regras e paradigmas tais como assistimos nos códigos de ética das profissões. Mesmo os termos-chave do debate moral contemporâneo, como autonomia,

liberdade e razão, só para citar alguns, são "valores" que produzimos no interior da "cultura" moderna, e já esquecemos que são frutos de um determinado tempo, de uma determinada interpretação de realidade.

A bem da verdade, ganharam sentido e status inteiramente novos na Modernidade, se elevando à termos "sagrados", e sobre eles desenvolvemos nossa Ética e Bioética. Sob a bitola da razão moderna, não dizemos apenas o que é o real,

reduzido desde a modernidade à matéria extensa (*res extensa*), ao mensurável, dizemos também como o real deve ser. O *logos* grego, já empobrecido e desfigurado pela *ratio* medieval (termo que significa "medida", em latim), encontra na razão o seu desfecho mais perturbador e hostil, no horizonte da ética: se resumindo a um instrumento de "medição" do real e, conseqüentemente, um instrumento para elaboração de cartilhas e catecismos para as "situações" (*praxis*).

Mas como escapar deste infortúnio? Como reformar o pensamento para além deste arranjo? Resposta: a partir do momento em que compreendermos os "vícios" da (de)formação científica dos profissionais de saúde e buscarmos refletir sobre a ética desde um horizonte mais amplo e "originário". Sobre este último aspecto, Cabral (2009, p. 29), insiste que "somente neste horizonte há a possibilidade de uma nova experiência ética que não faça do ente que somos um escravo de leis ou normas, como o camelo do qual fala o Zaratustra de Nietzsche, nem um mero iconoclasta moral, que a nada se submete e nunca se realiza em seu ser, como quer a figura do leão no Zaratustra de Nietzsche".

Colocadas estas breves noções, este trabalho procurou (1) apresentar, na medida do possível, a defasagem conceitual de estudantes de alguns cursos de graduação na área das ciências da saúde, sobretudo a respeito de noções que entendemos como nucleares para formação ética destes futuros profissionais, como a natureza da ciência, da ética, além de conceitos como filosofia, finitude, cuidados paliativos etc e; (2) a partir deste levantamento, buscamos discutir, ainda que de maneira provisória, rudimentos de uma *paideia* do profissional de saúde, isto é, a possibilidade de um programa de educação ética adequada aos "novos" tempos, capaz de fazer ressonar, novamente, o sentido "originário" da ética, que ainda permanece e a ele devemos retornar na busca de uma reforma do pensar capaz de nos capacitar diante do domínio planetário da tecnociência.

A *paideia* era o termo que os gregos utilizavam para se referir à "formação" do homem grego. Carrega consigo a noção de um "melhoramento". Conforme veremos melhor adiante, "melhorar" deve ser compreendido em seu sentido original, *melior* (melhor), não de uma pessoa, em particular, mas da "situação humana".

O domínio planetário da técnica e seu desdobramento na formação dos profissionais de saúde

Não resta dúvida de que todas as dimensões da experiência humana sofrem, em igual medida, de uma certa hegemonia da dimensão da técnica. Numa progressão surpreendente, pode-se dizer que o homem moderno se vê cercado cada vez mais dos produtos e artefatos da ciência e da técnica. Segundo Carneiro Leão (1977, p. 11), o próprio físico alemão Werner Heisenberg escreveu que num futuro não muito distante os aparelhos e instrumentos técnicos serão partes integrantes do homem, como a teia é parte da aranha e a concha do caramujo e na educação não é diferente. É possível dizer que todo este movimento, isto que se consagra na expressão "espírito de um tempo" (*Zeitgeist*), manifesta precisamente aquilo que Martin Heidegger, filósofo alemão, chamou de domínio planetário da técnica. Uma espécie de "melodia" que vemos vigorar em nosso tempo, inteiramente imbricada com a maneira como interpretamos tudo que nos cerca. Segundo Boutot (1991, p. 98-99), o homem moderno é requerido por e para o desvelamento (*aletheia*) executante que o convoca a explorar o real. E ainda mais grave: o homem não é o sujeito, mas o "funcionário" desta técnica. Os dirigentes, os tecnocratas, contra a arbitrariedade dos quais se tornou habitual que nos indignemos, não são, eles próprios, senão os "operários do equipamento" (*ibid.*). Inteiramente submersos na relação técnica com tudo que nos cerca, entregamos o destino do homem. Para Heidegger, a técnica e, portanto, a ciência, são o "acabamento" desta Metafísica e o esgotamento de uma forma de interpretar o ente, também próprios deste tempo/espço. No interior deste dito "progresso", já enxergamos o início de

uma crise. Qual crise estaria Heidegger se referindo? Há, no interior da ciência e da técnica, um certo tipo de "exploração", um "desencobrimto explorador", como Heidegger prefere dizer, que rege seus avanços, suas descobertas, suas "verdades", por assim dizer. Essa "vontade", que rege a técnica moderna, não tem outro objetivo senão ela própria, ou seja, responde a si própria, pois é um desdobramento ou uma destinação do espírito de um tempo. Mas voltemos à crise mencionada. De que se trata? Uma crise que diz respeito a um determinado regime de "verdade" que começa a dar seus primeiros sinais de esvaziamento. Acreditamos na democracia, mas temos dúvida se ela é de fato para todos. Cremos na ciência, mas seus tropeços, inerentes a seu *modus operandi*, geram uma certa desconfiança se a produção de suas "verdades" não estaria sob a tutela das relações de poder, como certa vez aventou Michel Foucault. Cabral (2009, p. 20) nos dá uma boa indicação da crise que vivemos:

[...] deve-se reconhecer que é no Ocidente que se dá um modo singular de instauração da relação homem-real. É dentro deste modo singular que isto que chamamos cultura ocidental aparece, se dá. Mas que singularidade é esta? Que horizonte de sentido é este? Resposta: a racionalidade.

Ocidente é o lugar produzido pelo homem norteador pela força da racionalidade. Neste sentido, tomando emprestado a máxima de Hegel, deve-se reconhecer que o Ocidente é o lugar onde "todo real é racional". É desde a razão que o real aparece no Ocidente. Por isso, o Ocidente é o lugar onde a razão é o "carro-chefe" ou o "coração" do ente que somos, isto é, o lugar onde a razão é o agente norteador ou o elemento que irriga e vitaliza todo o desenvolvimento dos possíveis modos de ser do homem.

Por isso, é desde o referido século que a razão aparece como inquisidora e o real, como inquirido. Desde o momento em que tudo, para ser, tem de passar pelo crivo ou tribunal da razão, a máxima de Hegel - todo real é racional - tornou-se credo ou dogma

indiscutível na destinação do Ocidente. É aí que o sentido etimológico de razão aparece. Razão, *raison*, *razón* advêm, como se sabe, da palavra latina *ratio*, cujo significado é medida. Neste sentido, razão deve ser entendida como faculdade inerente ao ente humano capaz de representar o real sob conceitos ou inteligir sua essência (*quidditas*). A razão, então, é a faculdade que mede o real, segundo o seu poder de ação. Ao medir o real, a razão passa a dizer o que o real é e os critérios necessários para que ele seja reconhecido como tal. Como consequência necessária, somente dentro do poder de ação da razão o real é real. O que não for mensurável ou captável pela razão nada é.

No coração deste "espírito", não podemos deixar de frisar, está a "matematização" do real que, desde Galileu e Descartes, entende por realidade somente aquilo que pode ser mensurado, calculado (interessante considerar que o termo em latim *ratio* significa medida). A este arranjo perigoso, Heidegger deu o nome de *Metafísica da Modernidade* e não demorou para que, desde o interior desta mentalidade, o homem percebesse a ferramenta que tinha em mãos. Absortos no reino da quantidade, manifesta-se a cultura de nossos tempos, sempre respondendo aos constantes estímulos de uma tecnociência desprovida do verdadeiro "saber", a *sophia* dos gregos antigos. É dentro deste "espírito", sintetizado grosseiramente para este projeto de pesquisa, que enxergamos a grande área das ciências da saúde. Em se tratando de um campo de conhecimento que opera sob o paradigma desta mesma Metafísica da Modernidade, este campo também se vê regido pela arquitetura da "exploração" e refém da matematização científica da "vida", consolidando de maneira inequívoca, o já alardeado domínio planetário da técnica.

Vive-se numa sociedade onde a liberdade se traduz no livre comércio, onde as pessoas só possuem algum valor se proporcionarem algum lucro ou valor de troca. A dignidade humana vive carente de preocupação ética e pela transgressão

dos limites entre o que é humano e o que não é humano, transformando luto, preocupações, sofrimento e finitude em uma tabela de valores e números a serem lidos, processados e arquivados. O predomínio da técnica vem “mecanizando” cada vez mais as ações e se sobrepondo ao “ser” do humano, e em nome de um coletivismo racional da *práxis*, acaba por deixar de contemplar as relações entre os indivíduos, cada qual, único e particular quanto às suas vivências e experiências. Logo, profissionais (de)formados para o cuidado humano, no que tange o cuidado em saúde, se apresentam diante da prática cada vez mais “dominados” pelo conhecimento técnico em detrimento ao olhar crítico, holístico, capaz de dimensionar as variáveis humanas para além do processo saúde-doença. Diante disso, cabe o questionamento da necessidade de um espaço capaz de oportunizar a retomada de um convite ao pensamento para uma prática com potencial de tornar questionável a aplicação do cuidado meramente técnico, viabilizando assim a formação de indivíduos mais críticos e menos imersos nesse domínio cujo Heidegger explora.

É precisamente neste contexto que surge a Bioética. Não se quer dizer que todas as ramificações ou vertentes da disciplina Bioética estejam de acordo com o breve diagnóstico que fizemos até aqui, mas é como uma resposta ao descontrole de uma ciência incapaz de “pensar”, e o avanço sem precedentes das tecnologias, que a Bioética surge como paradigma de proteção, tanto do homem, contra ele mesmo, como da natureza, à mercê de seus mestres e possuidores, desde a inversão paradigmática da Ilustração (*Aufklärung*). Afinal, como contrapartida da lógica tecnocientífica que vigora em nossos tempos, é preciso lembrarmos da “vida”. Hans Jonas (2004, p. 20), filósofo alemão, diz bem quando ressaltou que:

[...] o que permaneceu foi o que sobrou depois que tudo ficou reduzido às meras propriedades da matéria extensa, sujeitas à medição, e com isto à matemática. Só estas é que satisfazem ainda às exigências do que

agora é denominado conhecimento exato: tais exigências representam o que na natureza é capaz de ser conhecido. E como a única coisa capaz de ser conhecida, através de uma substituição enganosa elas chegam a ser consideradas também como a única coisa real na realidade. [...] o que agora exige uma explicação no universo orgânico é a existência da vida, e esta explicação tem que ser dada em termos da matéria inerte. Como caso limite que restou na imagem física de um mundo homogêneo, a vida tem que prestar contas de si própria, em obediência ao que esta imagem prescreve. Quantitativamente um nada na incomensurabilidade da matéria cósmica, qualitativamente uma exceção à regra das propriedades desta matéria, para o conhecimento o inexplicado na universal compreensibilidade da natureza física, a “vida” passou a ser a pedra de tropeço da teoria. Que exista vida, e como algo assim seja possível em um mundo de pura matéria, este é o problema com que agora o pensamento terá que ocupar-se. O próprio fato de termos hoje que discutir o problema teórico da vida em lugar do da morte atesta o status da morte como o estado natural, como aquilo que se explica por si mesmo.

Esta poderosa citação nos permite perceber que, talvez, aí esteja a grandeza e responsabilidade do sufixo “bios” no termo “bioética”. Não em seu entendimento moderno enquanto “vida” biológica, mas enquanto “vida vivida”, como pensavam os gregos. A exemplo de muitos termos cunhados na Modernidade, o termo “bioética” é formado por duas palavras originárias das raízes gregas, *bios* (vida) e *êthos* (com *eta* inicial, de onde deriva a palavra “ética”). No percurso de milênios, estas palavras gregas perderam seu sentido original, além de adotarem novos e distintos sentidos, por suas diferentes aplicações. Entretanto, a ressonância do sentido originário ainda permanece e a ela devemos sempre retornar quando se visa pensar termos compostos por raízes importantes de nosso passado filosófico. Acreditamos que estas

perdas e distorções dos termos que formam a palavra “bioética” nos levam a pôr em questão a própria noção que se desenvolveu a partir de uma cunhagem assentada sobre um escopo tão limitado dos conceitos que a formam. Na formulada e atual composição de palavras no termo “bioética” vige um *bios* desnaturado de seu sentido primordial, outrora entendido como “forma ou maneira de viver” (AGAMBEN, 1998, p. 9), em contraposição com *zoe*, a vida animal e humana, em sentido geral de força vital, permeando todos os viventes (*zoon*). Vige também uma *êthos*, por sua vez, redutora da *êthos* original, ou seja, que empobrece a noção de caráter a costume, hábito e, conseqüentemente, atos passíveis de determinação, repetição e, ainda pior, de normatização. Por último e não menos importante, manifesta-se uma tautologia, um “discurso do mesmo”, onde a “maneira de viver”, a “vida vivida”, o *bios* original, é agora considerado apenas enquanto vida orgânica, ou vida corporal, sendo assim passível de ser legislada, normatizada, em conformidade com o que a ciência da vida, a “bio-logia”, o discurso científico da vida, formula e entende como sendo “vida”.

MATERIAIS E MÉTODOS

COLETA DE DADOS

A fim de identificar o conteúdo teórico de estudantes da área da saúde sobre os conceitos “Ciência e Técnica”, “Ética e Bioética”, “Finitude e Cuidados Paliativos”, foram realizadas entrevistas com perguntas abertas. As questões norteadoras foram:

(1) *Como você articularia Ciência/técnica com Ética/Bioética?*

(2) *Considerando a sua formação e baseado na sua resposta anterior, qual o seu entendimento sobre a abordagem em cuidados paliativos?*

Os entrevistados deveriam responder as perguntas tendo em conta sua formação universitária. Essas questões foram precedidas de um breve panorama referente ao perfil biográfico dos entrevistados, incluindo informações pessoais, como idade, formação anterior, religião/crença, atividade profissional, estado civil e sexo/gênero.

No total foram entrevistados 28 estudantes dos dois últimos períodos da graduação, sendo 05 do Curso de Medicina, 08 do Curso de Enfermagem, 05 do Curso de Fisioterapia e 10 do Curso de Nutrição (entrevistados os estudantes do 5º período -, curso criado em 2018 e ainda não conta com turmas nos períodos finais).

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Nesta pesquisa, foram incluídos quatro cursos de graduação na área de ciências da saúde, dentro do leque de cursos operantes neste centro universitário. Os cursos foram selecionados levando em conta sua afinidade com os cuidados (integrados), por exemplo em doenças crônicas em fase avançada, muitas vezes irreversíveis, com necessidade de abordagem dos muitos aspectos e/ou dimensões (física, psicológica, social e espiritual), doenças oncológicas e/ou falências orgânicas, que inclui a fase de fim de vida.

ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Serra dos Órgãos - Unifeso. Antes da realização das entrevistas os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo apresentado os objetivos da pesquisa e enfatizado a garantia ao sigilo e o compromisso com as diretrizes das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde – CNS/MS Nº 466/12 e 510/16. Informou-se na ocasião que foi atribuída codificação para referenciar os participantes do estudo, garantindo assim a confidencialidade.

ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, as entrevistas foram transcritas, tabeladas e depois analisadas. Os dados obtidos foram interpretados procurando identificar a percepção dos estudantes acerca de determinados conceitos (éticos e bioéticos - os valores e os princípios -, ciência e técnica, abordagens integradas de cuidado, cuidados paliativos) que consideramos necessários na formação dentro da área das ciências da saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise das entrevistas levou-se em conta a saturação das respostas, abaixo apresentamos a análise de algumas entrevistas, convicts de que representam um panorama das respostas obtidas.

Para melhor visualização das variáveis que compuseram o perfil dos entrevistados, foi construído a seguinte composição:

Quadro 1: Perfil biográfico dos estudantes entrevistados dos cursos de graduação do Unifeso: Enfermagem, Fisioterapia, Medicina e Nutrição – Teresópolis, 2021.

ENTREVISTA	IDADE	SEXO/GÊNERO	ESTADO CIVIL	GRADUAÇÃO ATUAL	GRADUAÇÃO ANTERIOR	RELIGIÃO/CRENÇA	ATIVIDADE PROFISSIONAL
E1	24	Masculino	Solteiro	Enfermagem	Inexistente	Evangélica	Estudante
E2	23	Masculino	Solteiro	Enfermagem	Inexistente	Evangélica	Estudante
E3	25	Feminino	Casada	Enfermagem	Psicologia (incompl.)	Evangélica	Estudante
E4	22	Feminino	Solteira	Enfermagem	Inexistente	Católica	Estudante
E5	22	Masculino	Solteiro	Enfermagem	Inexistente	Espírita	Estudante
E6	23	Feminino	Solteira	Enfermagem	Inexistente	Espírita	Estudante
E7	40	Feminino	Casada	Enfermagem	Inexistente	Acredita em Deus	Estudante
E8	21	Masculino	Solteiro	Enfermagem	Inexistente	Evangélico	Estudante
E9	22	Feminino	Solteira	Fisioterapia	Inexistente	Evangélica	Estudante
E10	21	Feminino	Solteira	Fisioterapia	Inexistente	Sem religião	Estudante
E11	22	Feminino	Solteira	Fisioterapia	Inexistente	Evangélica	Estudante
E12	22	Feminino	Solteira	Fisioterapia	Inexistente	Evangélica	Estudante
E13	24	Feminino	Solteira	Fisioterapia	Inexistente	Católica	Estudante
E14	26	Masculino	Solteiro	Medicina	Inexistente	Evangélico	Estudante
E15	26	Masculino	Solteiro	Medicina	Inexistente	Judaica	Estudante
E16	24	Masculino	Solteiro	Medicina	Inexistente	Sem religião	Estudante
E17	29	Masculino	Solteiro	Medicina	Inexistente	Agnóstico	Estudante
E18	Não forneceu os dados pessoais para compor o Perfil Biográfico da pesquisa						
E19	31	Feminino	Casada	Nutrição	Administração	Católica	Estudante
E20	22	Feminino	Solteira	Nutrição	Inexistente	Católica	Não exerce
E21	23	Feminino	Solteira	Nutrição	Ensino médio	Católica	Não exerce
E22	33	Feminino	Solteira	Nutrição	Administração	Não possui	Suporte de TI
E23	25	Feminino	Casada	Nutrição	Inexistente	Evangélica	Estudante
E24	38	Feminino	Solteira	Nutrição	Farmácia	Católica	Estudante
E25	63	Feminino	Casada	Nutrição	Pedagogia	Católica	Professora
E26	33	Feminino	Casada	Nutrição	Direito	Católica	Advogada
E27	22	Feminino	Solteira	Nutrição	Inexistente	Evangélica	Estudante
E28	30	Feminino	Solteira	Nutrição	Biologia	Católica	Estudante

Fonte: Entrevistas da Pesquisa (2021)

As primeiras questões solicitavam que o entrevistado dissertasse sobre de que forma sua formação universitária vem contribuindo para seus conhecimentos nos seguintes conceitos: Ciência/Técnica; Ética/Bioética e Finitude.

Em relação à "ciência/técnica", os principais pontos abordados estão organizados abaixo:

Quadro 2: Respostas dos entrevistados sobre os conceitos: ciência e técnica, dos cursos de graduação do Unifeso: Enfermagem, Fisioterapia, Medicina e Nutrição– Teresópolis, 2021.

CIÊNCIA	TÉCNICA
"... busca o conhecimento"	"...aplica [...] nosso conhecimento"
"ciência [...]obtenção de conhecimentos gerais [...] conhecimentos teóricos..."	"técnica [...]você faz embasado em um conteúdo em prol de algo..."
"...além do basal..."	"...estar numa profissão [...] embasa nossa técnica[...] prática [...] naquilo que é ciência"
"são[...] indissociáveis [...] exercer com qualidade..."	
"... De maneira satisfatória."	
"...(ciência) me ajuda a cuidar melhor..."	"Nunca parei muito para perguntar o que significa." (Técnica)
"... através de estudo..."	
"...a ciência está em constante mudança." Técnica "...vem em forma de ferramenta..."	
"...tratar o paciente como um todo. então no princípio da faculdade ela ensina a técnica e no decorrer da vida você tem que ir além daquela técnica é isso entendi..."	

Fonte: Entrevistas da Pesquisa (2021)

Em relação aos conceitos apreendidos na formação acadêmica sobre "ética/bioética" foi organizado, do seguinte modo:

Quadro 3: Respostas dos entrevistados sobre os conceitos: ética e bioética, dos cursos de graduação do Unifeso: Enfermagem, Fisioterapia, Medicina e Nutrição– Teresópolis, 2021.

ÉTICA	BIOÉTICA
“...é [...] ter respeito [...] privacidade desse paciente. (<i>sigilo</i>)”	“...respeita a vida [...] o cuidado.”
“...voltada a questões de trabalho [...] a ética profissional do enfermeiro.”	“...voltado a vida [...] <u>É</u> tudo que se faz dentro da ética, dentro de um trabalho moral, voltado a vida.”
“... <u>embasamento</u> do ser <u>humano</u> ...”	“...âmbito hospitalar[...] relevante na nossa formação...”
“...direcionamento do que eu posso e o que eu não posso fazer...”	“...consequência[...]positiva ou negativa [...] afetar meu paciente...”
“Muito importante (...) saber lidar com o cliente”	
“... <u>parte muito importante</u> ”	“...ver a pessoa como um ser humano inteiro...”
“...vai da consciência de cada profissional, de como ele acha que é o certo para ele estar agindo”	“Sendo o mais claro possível.”
“... <u>uma questão pessoal</u> ”	“...um <u>ponto</u> de vista”
“... você realmente ser honesto”	“...realizar determinadas coisas, mas se você não faz a mínima <u>idéia</u> do que você está fazendo.”

Fonte: Entrevistas da Pesquisa (2021)

Em relação à "finitude", os principais pontos destacados foram os seguintes:

Quadro 4: Respostas dos entrevistados sobre o conceito de finitude, dos cursos de graduação do Unifeso: Enfermagem, Fisioterapia, Medicina e Nutrição– Teresópolis, 2021.

FINITUDE
“...morte [...] formação na faculdade [...] não é preparado
“...encerramento da vida [...] descanso [...] forma de passagem [...] encerramento de um processo, [...] chamado vida...”
“... <u>processo de vida</u> ...”
“... <u>processos</u> [...] na vida [...] singularidade de cada um [...] espiritualidade...”
Declarou não saber responder
“... <u>finitude</u> como qualidade de vida...”
Declarou não saber responder
“...a faculdade ajuda, mas tem muito a ver com sua história de vida”
“A faculdade é mais uma das experiências que te ajudam a olhar a vida de uma forma mais abrangente”
“É algo natural a morte, todo mundo vai morrer. Na teoria não aprendi, ninguém fala sobre isso, que o paciente vai morrer, a gente vai aprendendo na prática ajudar”

Fonte: Entrevistas da Pesquisa (2021)

Em seguida, foi questionado, aos entrevistados, como articulariam Ciência/Técnica com Ética/Bioética.

Quadro 5: Respostas dos entrevistados sobre a articulação dos conceitos de ciência e técnica com ética/bioética, dos cursos de graduação do Unifeso: Enfermagem, Fisioterapia, Medicina e Nutrição– Teresópolis, 2021.

Ciência/técnica com Ética/Bioética
“(a pessoa) se disponibiliza [...] respeitar a privacidade (<i>Respeito à autonomia e sigilo do participante</i>)”
“É aplicar todo seu conhecimento teórico-prático [...] de forma respeitosa a garantir e ofertar saúde a quem você está proposto a trabalhar...”
“ser [...] profissional humano...lidar com [...] aspectos éticos...”
“...limites [...] preservar sua integridade física [...] cuidado equânime e integral...”
“Um <u>complementa</u> o outro”
“...a ciência existe para explicar os fenômenos que ocorrem na vida, e eu acho que precisa, para você ser um cientista ou para você praticar a ciência você ter ética e bioética.”
“...sendo da maneira mais transparente possível com o paciente e tentando colocar em prática tudo que eu tenho aprendido ao longo da faculdade.”
“Técnica e ciência são um meio para você manter-se atualizado na sua profissão. [...] <u>Ética e bioética são a base da ciência</u> ”
“...Técnica é a ciência é aquilo que você vai aprender na faculdade já a <u>ética e bioética</u> seria como você vai aplicar isso.”

Fonte: Entrevistas da Pesquisa (2021)

Também foi perguntado qual o entendimento sobre a abordagem em "cuidados paliativos".

Quadro 6: Respostas dos entrevistados sobre o conceito de cuidados paliativos, dos cursos de graduação do Unifeso: Enfermagem, Fisioterapia, Medicina e Nutrição – Teresópolis, 2021.

CUIDADOS PALIATIVOS
“...com um paciente [...] totalmente inconsciente, é importante você se comunicar.”
“...demandam um toque especial, uma percepção especial, uma visão apurada do que é benéfico ao paciente [...] é você saber: estou melhorando a vida essa qualidade de vida, no momento final de vida do paciente ou apenas estou prolongando o sofrimento?...”
“...embasar seu cuidado em algo científico [...] práticas baseadas naquilo que é real, no processo doença...”
“...oportunidades adequadas [...] tratamento [...] durante esse curto período...”
“... é um <u>tema encantador</u> ...”
(...) um conjunto de práticas e um conjunto de técnicas que ofereçam uma qualidade de vida melhor, uma dignidade melhor, menos sofrimento para a vida daquela pessoa.”
“... a vida de uma pessoa que está ali...”
“Eu acho que todos esses conceitos que falamos estão relacionados (...) Eu preciso de métodos para crescer enquanto profissional, vou ter que fazer mão das normas, dos valores, respeitar o próximo que é a questão da ética”
“...devemos trazer para ela <u>conforto</u> mas sem trazer mais dor ...”

Fonte: Entrevistas da Pesquisa (2021)

A análise das entrevistas demonstrou, tanto quanto possível, um pressuposto fundamental desta pesquisa, a saber: a deficiência absoluta dos estudantes da área de saúde no tocante à compreensão de conceitos-chave para sua atuação profissional, como "técnica"; "ciência"; "cuidados

paliativos", "finitude", entre outros. Fato é que a abordagem destas noções é negligenciada pelos currículos e os efeitos desta (de)formação, ainda que pouco percebida pelos estudantes em seus percursos acadêmicos, se espraiam por todas as esferas do cuidado em saúde, seja na equivocada

relação que se estabelece, mais tarde, entre cuidador e paciente ou na frustração experienciada por este próprio profissional, no seu dia a dia. Na ausência de uma "abertura" educacional capaz de ampliar os horizontes conceituais destes estudantes, a grande maioria recorre às metáforas e expedientes que tem à mão, isto é, compreendem estes conceitos a partir de horizontes históricos sedimentados desde sempre, em suas vidas cotidianas, sobretudo àqueles constituídos no seu ambiente familiar. A partir de definições e preconceitos oriundos do senso-comum (senso-nenhum!?), desenvolve-se um conjunto de entendimentos tácitos sobre estes conceitos, com profunda repercussão na experiência profissional destes "cuidadores".

A abordagem dos cuidados paliativos

Em conceito elaborado em meados dos anos 90 e atualizado em 2002, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), os Cuidados Paliativos consistem na assistência promovida por uma equipe multidisciplinar com o objetivo de melhorar a qualidade de vida não somente do paciente mas também de seus familiares, "diante de uma doença que ameaça a vida, por meio da prevenção e alívio do sofrimento, por meio de identificação precoce, avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais" (WHO, 2002). A demanda por Cuidados Paliativos, doravante CP, torna-se uma exigência da sociedade ao se considerar o cuidado paliativo um direito humano básico e um componente essencial do cuidado abrangente e integrado. Por ser uma abordagem multidimensional centralizada na pessoa dos pacientes e em seus familiares durante todo o curso da doença, inclusive no final da vida, o CP busca otimizar a qualidade de vida, promovendo o desenvolvimento e o bem-estar humano e maximizando a dignidade. Deve ser praticado por todos os prestadores de serviços de saúde em todos os níveis de assistência, bem como por especialistas em CP, e deve ser fornecido em qualquer estabelecimento de saúde, inclusive nas casas dos pacientes.

Neste sentido, os CP são uma abordagem ampla e integrada que deve ser iniciada precocemente, e implementada dentro do *continuum* dos cuidados. Deve-se integrar os CP no início de uma doença crônica, progressiva e avançada tanto para melhorar o controle dos sintomas e a qualidade de vida, como apoiar o seu fornecimento [CP] com evidências baseadas nas necessidades e não apenas no prognóstico ou estágio da doença. Ainda, os CP também têm sido atualmente considerados um componente importante na resposta às epidemias agudas e às emergências humanitárias.

A formação em CP requer conhecimentos básicos sobre os princípios bioéticos [em sintonia com os princípios dos cuidados paliativos], em que será necessário equilíbrio e experiência para lidar com os estressores emocionais na realidade do cuidado em saúde. Neste sentido, é fundamental cultivar a empatia terapêutica, ser eficaz nas competências de habilidades comunicativas, em especial a comunicação empática sobre as questões do fim de vida que deveria estar sendo cultivada desde os primeiros anos da faculdade de medicina e no período de treinamento em residência médica.

Cabe ressaltar a demanda sempre crescente por CP. Segundo Niemeyer (2018, p. 49):

As populações idosas estão aumentando de forma exponencial, expondo a tendência demográfica mundial. A doença crônica avançada, que aumenta nessa coorte e certamente exigirá muito envolvimento e cuidados continuados, tem sido um desafio da saúde pública desde as últimas décadas destas mudanças que impulsionaram a população idosa acima dos 65 anos. Ainda mais em termos de cuidados hospitalares, dependente da "medicalização" que se seguiu ao paradigma biotecnocientífico. Mas várias outras apreensões emergem devido às necessidades não dimensionadas, como a capacidade de tomada de decisão urgente para a doença crítica, os dilemas éticos, os conflitos de valores morais que são muito comuns entre as equipes, os profissionais de saúde e as famílias. Além disso, há ausência de cuidados paliativos adequados em hospitais, sendo mais

comprometido nos ambientes de cuidados intensivos, e em especial para os doentes críticos crônicos, ausência do controle aceitável de sintomas, e do suporte adequado às demandas das famílias e, principalmente, devido à falta de enfrentamento e atenção para as questões de fim de vida e bioética para a doença terminal.

Na esteira destas breves constatações, cabe questionar: como produzir um ambiente educacional capaz de mobilizar estes futuros profissionais de saúde na busca por novas compreensões sobre o cuidado em saúde? Como convidar estes estudantes a pensar conceitos como ética, ciência, técnica, finitude, tão importantes para sua atuação profissional? Como empreender uma educação capaz de confrontar a hegemonia da técnica? Entendemos que a *paideia* grega seja uma possibilidade neste arranjo perigoso que nos encontramos.

EDUCAÇÃO ÉTICA: A PROPOSTA DE UMA PAIDEIA PARA O PROFISSIONAL DE SAÚDE

Discutir "educação ética" é refletir, antes de tudo, o que está em jogo quando falamos em "educação". É bem verdade que sua significação sofre metamorfoses ao longo dos tempos. Toda trajetória humana no mundo é marcada por tentativas de compreender e se situar face ao mundo. A educação, embora tendo seus fundamentos permanentemente "devedores" a um determinado tempo e lugar, busca sempre aperfeiçoar essa necessidade. Para Sousa (2004, p. 28): "a uma forma do ser humano, a uma forma do ser homem, ou do ser do homem, a qualquer de formas tais, corresponde uma forma do ser mundano, uma forma de ser mundo, uma forma de ser do mundo. Homem e mundo são inseparáveis parceiros do mesmo jogo". Assim, grandes "sistemas" educacionais se desenvolveram a fim de tornar a vida coletiva possível e a *paideia* grega (a formação do homem grego) foi uma tentativa única de educação e cuja compreensão em muito pode nos ajudar na atitude filosófica que pretendemos acentuar em você, estudante.

Segundo Danielle Montet (1990, p. 187-210), *paideuein* significa "melhorar" o indivíduo pela *paideia* e, conseqüentemente, a *polis* (cidade) pela arte política (*techne politike*). O termo "melhorar", aqui, deve guardar seu sentido original do latim *melior*, "melhor", referindo-se não à pessoa em si mesma, mas à "situação humana", como tradução do grego *praxis*. Ou seja, "melhorar" guarda o sentido de "dispor em uma melhor situação humana", em uma "melhor *praxis*". É justamente neste horizonte da situação humana (*praxis*) que se poderá alcançar o "melhor", que se poderá encontrar e realizar a sua possibilidade extrema, a excelência (*arete*). No entanto, segundo Montet (1990, p. 187), nem a arte política, e nem a excelência (*arete*) podem ser, verdadeiramente, ensinadas.

O que significa, então, *paideuein*? Como procede a *paideia*? Questões cujo debate com os sofistas, nos diálogos platônicos, ou até a condenação de Sócrates, confirmam a agudeza e a pertinência. Várias notas se impõem para situar o conceito de *paideia* na interpretação de Montet. Primeiro, é um termo de dupla entrada, com isso quero dizer: ativo e passivo. *Paideia*, a ser ainda entendida em seu sentido próprio, significa tanto algo que se dá como algo que se recebe, ensinar e aprender. Devido a esta dupla entrada, a *paideia* dá a pensar a reversibilidade, a circularidade ativo/passivo. Com efeito, podemos concluir que somos mestre e aluno de nós mesmos, o que ensinamos é o que aprendemos, o que comprova no fundo a máxima: "Conhece-te a ti mesmo".

Montet (*ibid.*, p. 187) afirma que a tradução de *paideia* por "educação" ou "formação" não oferece, de modo algum, o campo semântico de *paideia*, articulado ao redor de país, criança ou infante. A *paideia* se relaciona à infância sem implicar, no entanto, em uma pedagogia qualquer. "A não ser que vos torneis como criancinhas, não vereis o Reino dos Céus", já profetizava Jesus. Evidentemente que, como adultos, só podemos nos tornar como criancinhas se tivermos a disposição, em nós mesmos, de ensinar e aprender, de aceitar que estamos constantemente, e ao mesmo tempo,

ensinando e aprendendo. Uma abertura de ensino e aprendizado simultâneo, em sua constituição no mundo.

Enquanto o latim qualifica a criança, o infante, a partir de seu mutismo (do latim *infans*), a tradição grega sublinha sua natureza enquanto *pais* (criança), como algo deficiente e inacabado, uma incompletude que excede a deficiência de linguagem, seja no mutismo, seja no aprendizado da língua. Montet (p. 188) demonstra que o termo *pais*, aparentado a uma família semântica que significa a **pequenez** e **carência**, marca a criança com uma deficiência originária que vai além de seu mutismo. A criança é pensada a partir de uma carência que a *paideia* virá justamente redimir, exatamente porque nascemos *pais*, sofremos de uma deficiência original.

A expressão platônica, frequente em seus diálogos (Alcíbiades 122b; Fédon 107d; República IV 424a-b; Filebo 55d), *trophe kai paideia*, geralmente traduzida por “formação e educação”, não deve se reduzir ao desenvolvimento físico e formação intelectual. Os dois termos, *trophe* (formação) e *paideia* (educação), se reforçam na articulação de nuances complementares: a “formação” supõe sempre um “nutrimento” (*trophe*) mas aí não se limita. Não basta nutrir – física e intelectualmente – para cultivar um ser humano, pois a relação viva na *paideia* é mais complexa, como diz Montet (p. 188). Assim também, *paideuein* se opõe a *plattein* modelar, confeccionar. A *paideia* é mais que um “nutrimento” de saberes e difere de uma “modelagem”, de uma “fôrma”, o que põe em suspenso a evidência de uma tradução por formação.

Paideia não é da ordem de um apropriar saberes ou, em si mesmo, um saber ou um saber-fazer, conteúdo de qualquer pedagogia. No Filebo (55d), de Platão, é feito explícito que a *paideia* não é como uma “arte plástica”, e que *trophe* e *paideia* se opõem ao que é da ordem do “fazer” (*poiesis*) do artesão. Por conseguinte, não se conforma à modelagem ou qualquer “formadura”, ou qualquer orientação técnica, da *techne*. Montet (p.189) nos

lembra que Platão jamais empregou a expressão *techne paidagogike* (ou seja, a técnica da *paideia*). Assim, podemos concluir que: *paideia* não é transmissão de conteúdos e não é “modelagem” de indivíduos. Arriscamos dizer que sua característica fundamental é a de uma desconstrução de orientações sedimentadas e cristalizadas pelo “senso comum”.

Conforme vimos na análise das entrevistas, os estudantes tendem a alicerçar suas compreensões em clichês e aforismos populares, com pouca ou nenhuma profundidade conceitual. Neste sentido, pode-se dizer que o intuito da *paideia* não é ensinar a “ser” desta ou daquela maneira, muito menos ensinar a agir “corretamente”, dentro de um padrão ou mesmo uma técnica. A *paideia* é empreendimento disruptivo, cuja função nuclear é criar um ambiente adequado para reflexão, uma abertura e um convite ao pensamento. Nos deixa desconfortável pois nos coloca em confronto com nós mesmos, confrontando os meios técnicos onde todos “somos”.

Talvez esta seja a lição primeira da *paideia* que ora propomos: fugir do domínio da técnica. Isso requer dismantelar, de partida, o vício de atribuir um certo senso de “utilidade” para o pensamento e, conseqüentemente, para a educação. É preciso atrever-se a pensar, somente. O que experienciamos nos dias de hoje é o fato de que toda e qualquer manifestação do pensamento deve ser prontamente absorvida por uma “utilidade”, um “sentido”, que deve canalizar e catalizar aquele exercício, transmutando-o em algo concreto, útil. Esse é, sem dúvida, um dos desdobramentos denunciados por Heidegger e sua filosofia sobre o domínio planetário da técnica.

Neste sentido, parece sensato afirmar que uma *paideia* se confunde com a maneira como os gregos experienciaram o pensamento, ou seja, um pensamento afastado das articulações “instrumentais”, esta tão comum aos tempos modernos. Neste pequeno excerto, o grande filósofo brasileiro Carneiro Leão nos apresenta experiência grega do “Pensamento”:

Substituindo as experiências do Pensamento, o conhecimento objetivo [científico] não dá indicações nem oferece parâmetros para se viver num vazio, vazio, isto é, desprovido até mesmo da exigência de rumos e referências.

Sem as experiências do Pensamento, não temos perspectivas para encontrar caminhos num mar em que tudo é relativo e mutante, em que as mudanças se sucedem em alta velocidade, embora sempre com a promessa do absoluto das transformações e da segurança das soluções. É esta experiência a importância que nos traz a Filosofia Grega com um modo de vida criativo e livre.

Pois, nos séculos de seu vigor originário ela sempre se sentiu em casa no vazio, sem exigência de parâmetros e padrões e, ao invés de horror, sempre experimentou um elã criativo no não saber do Pensamento. Para a experiência do Pensamento originário se inverte nosso senso de amparo. Amparo, já não é ter em cima tetos, telhados, coberturas, ou possuir embaixo solo cimento e asfalto ou dispor no meio de correntes, trancas e trincos, é viver sem nenhum teto para a cabeça, sem nenhum solo para os pés, sem nenhum esteio para as mãos.

Mas Carneiro Leão faz um alerta importante: não se trata de fazer um transplante da Filosofia Grega para os dias de hoje. "Isto é impossível", afirma o filósofo (LEÃO, 2010, p. 19). Afinal, são contextos absolutamente diversos. Além disso, a Filosofia Grega intrinsecamente conectada à língua grega e sua cultura grega (*idem*). Mas este é, sem dúvida, uma tarefa necessária ante o avanço das técnicas sobre todas as dimensões da experiência humana. Segundo Carneiro Leão (*idem*): "o pensamento na Filosofia Grega é a mais radical compaixão pela humanidade do homem de que se tem notícia, sem concessões nem reservas. O grego do período originário não quer ser salvo nem quer salvar ninguém e por isso não busca nenhum messias e nenhuma doutrina de salvação" (*idem*). Superar o paradigma instrumental da educação ética, eis a grande tarefa de uma paideia do profissional de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve estudo não pretendeu esgotar, de maneira nenhuma, o amplo escopo de possibilidades abertas pelo tema, a saber: a educação ética de estudantes na área da saúde. No entanto, para além dos objetivos primários alcançados por este trabalho, quais sejam, apresentar, ainda que de maneira superficial, a defasagem conceitual de estudantes de alguns cursos de graduação na área das ciências da saúde, acerca de noções que entendemos como nucleares para formação ética destes futuros profissionais e, a partir desta constatação, discutir a possibilidade de uma paideia, adequada aos "novos" tempos, capaz de fazer ressonar, novamente, o sentido "originário" da ética, acreditamos que este artigo encaminha certas proposições fundamentais no âmbito da formação ética. A primeira delas, claro, a importância de um currículo capaz de confrontar o domínio planetário da técnica, expressão consagrada na filosofia do pensador alemão Martin Heidegger. Neste sentido, é preciso escapar do apelo à técnica. Heidegger (1995, p. 27) já denunciava o fato de que a "filosofia" sente, constantemente, a necessidade de justificar sua existência diante das "ciências" e, temerosa em perder seu prestígio e importância, acredita estar no caminho certo na medida em que se eleva à condição de ciência. Esse esforço, para Heidegger, é o abandono do pensamento essencial.

Ainda sobre o currículo, não se pode deixar de lado o próprio conteúdo a ser tratado. Ante a absoluta deficiência identificada nas entrevistas, urge que se coloque a reflexão sobre a "condição humana" como pilar da formação acadêmica. Na sua esteira, conceitos como finitude, ética, ciência e técnica são imediatamente trazidos à tona. Isso significa dizer que não se trata de uma oferta aleatória de disciplinas isoladas com o colorido das "humanidades", mas um esforço incansável de promoção de espaços de reflexão sobre esta dimensão originária do homem e suas ações, a "morada do homem", o *êthos*. É preciso aqui não confundir a reflexão sobre o *êthos* com a prescrição ingênua de normas e diretrizes para a atuação deste futuro profissional de saúde. Como bem diz o

filósofo Jean-Luc Nancy (2002, p. 66), não cabe à nenhuma filosofia fornecer uma "moralidade" nesse sentido. A filosofia não se encarrega de prescrever normas ou valores. Cabe à reflexão sobre o *êthos*, ao contrário, pensar a existência humana em sua dinâmica de realização e, por conseguinte, seus desdobramentos fundamentais, sintetizados nos conceitos de fim de vida, ética, técnica, ciência etc.

É preciso elaborar um discurso sobre a ética verdadeiramente capaz de sensibilizar e convocar ao pensamento, não por sua vinculação à um conjunto de normas e valores, mas enfatizando, precisamente, a necessidade de uma "destruição" destas camadas de preconceitos que se cristalizaram num verdadeiro regime da verdade. A *paideia* grega parece oferecer um campo semântico inteiramente novo à educação, distanciado do apelo ao "útil" e, por conseguinte, oferece novas possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem. Quando afirmamos que a *paideia* é mais que um "alimentar" de informações e difere de um "modelar" e de um "formar", salientamos exatamente o caráter disruptivo de uma proposta desta natureza. Como consequência, abre-se a possibilidade de se vivenciar, pelo *logos* discursado, um processo terapêutico, uma *therapeia*, capaz de confrontar o domínio planetário da técnica.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: Sovereign Power and Bare Life**. Stanford University Press California, 1998.
- BOUTOT, Alain. **Introdução à filosofia de Heidegger**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1991.
- CABRAL, Alexandre. M. **Heidegger e a destruição da ética**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2009.
- CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. **Filosofia Grega: uma introdução**. Teresópolis: Daimon Editora, 2010.
- GRANGER, Gilles-Gaston. **A razão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.
- HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Trad. de Maria Madalena Andrade e Olga Santos, de Martin Heidegger, Serenidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Logic. The Question of Truth**. Bloomington: Indiana University Press, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. **Questions I-II**. Paris: Gallimard, 1968.
- JONAS, Hans. **O princípio vida**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004
- MONNET, Danielle. **Les Traits de l'être**. Paris: Jérôme Millon, 1990.
- NANCY, Jean-Luc. "Heidegger's Originary Ethics". Em Raffoul & Pettigrew (org.). **Heidegger and Practical Philosophy**. New York: SUNY, 2002.